

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

JÚLIO CÉSAR DA COSTA VIEIRA

O REENCANTAMENTO DO MUNDO

Uma reaproximação da metrópole com a natureza por meio de Hortas Urbanas

NITERÓI

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V657r Vieira, Júlio César da Costa
O REENCANTAMENTO DO MUNDO : Uma reaproximação da metrópole com a natureza através de Hortas Urbanas / Júlio César da Costa Vieira ; Luis Carlos Mendonça, orientador. Niterói, 2019.
42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2019.

1. Horticultura. 2. Natureza. 3. Estilo de vida. 4. Urbana. 5. Produção intelectual. I. Mendonça, Luis Carlos, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

JÚLIO CÉSAR DA COSTA VIEIRA

O REENCANTAMENTO DO MUNDO

Uma reaproximação da metrópole com a natureza por meio de Hortas Urbanas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador:

Prof. Me. Luiz Carlos Mendonça

Niterói, RJ

2019



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato:

Matrícula: 114 033 022

JÚLIO CÉSAR DA COSTA VIEIRA

Título do Trabalho:

“REENCANTAMENTO DO MUNDO: A REAPROXIMAÇÃO DO MEIO URBANO COM A NATUREZA ATRAVÉS DAS HORTAS URBANAS DO RIO DE JANEIRO.”

Orientador(a): **Me. Luiz Carlos Mendonça**

Categoria: **Monográfico**

Data da Apresentação: **22/07/2019**

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): **Me. Luiz Carlos Mendonça**

2º Membro: **Dr. Wallace de Deus**

3º Membro: **Drª. Neide Aparecida Marinho**

AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

Partindo de uma inspiração muito oportuna, de "reencantamento do mundo", Júlio recupera a dimensão original da ideia de "cultura", relacionada ao ato de cultivar. Explora com grande competência processos de mediação e articulação de redes de hortelãos, apontando para a promissora adoção desta prática cultural em nosso cenário urbano.

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

10,00

ASSINATURAS

1º Membro (Presidente)

2º Membro

3º Membro

Em memória de minha avó, Maria Helena, dona de uma misticidade intrínseca que sempre me incentivou no contato com a natureza.

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita dessa monografia não foi fácil. Não no sentido de ser uma pesquisa extensa que me demandou muito trabalho físico e mental, mas porque através da confecção desse trabalho experienciei conflitos internos entre o que eu acho que deveria ser e fazer e como eu sou e atuo no mundo. Uma pressão incessante por “perfeição” conflitou arduamente com o meu processo de escrita, pesquisa e expressão, tornando o caminho para a conclusão muito mais longo e cansativo. Muitos pensamentos de que eu não iria conseguir, porque estava fazendo da maneira errada ou estava atrasado no meu cronograma, precisaram ser ignorados para eu chegar até aqui. Mesmo não tendo sido uma tarefa simples – ou justamente por causa disso –, fico muito feliz ao perceber que foram ultrapassados, pelo menos neste instante, diante desse ritual de encerramento materializado por esse trabalho.

Dito isso, eu quero manifestar minha gratidão àqueles que contribuíram, de alguma maneira, para que eu conseguisse chegar até aqui:

Primeiramente ao meu marido, Leo, que é uma das minhas principais colunas de sustentação em todos os sentidos que um ser humano pode apoiar o outro. Nesse trabalho, ele atuou não só me apoiando emocional, psicológica e espiritualmente, como me motivou e coorientou, lendo meus textos e conversando durante horas comigo, desde o momento em que eu estava decidindo meu tema até a finalização do trabalho. Não posso deixar de mencionar também seu apoio ao longo da faculdade que foi fundamental para meu desenvolvimento e conclusão dessa etapa.

Agradeço à minha mãe, Cecília, que foi meu suporte ao longo da graduação, sem a qual seria muito mais difícil poder frequentar minhas aulas, que no início ficavam a 3 horas de distância de nossa casa e, graças a sua ajuda, pude morar mais perto da faculdade quando escolhi me mudar.

Aos meus avós, Altair e Maria Helena, pelas vivências no sítio da Taquara em que morei toda minha infância e adolescência, e pelas lembranças do sítio de Miguel Pereira, meu refúgio durante as férias, e do qual guardo memórias acalentadoras da vida na roça e da proximidade com a natureza.

Aos meus tios, Francisco e Fátima, que me ensinaram muito sobre o cultivo de plantas. Foi um privilégio experimentar pela primeira vez o contato com a terra e os vegetais na horta da casa deles.

Expresso meu carinho, também, aos meus gatos Momo, Yaya e Yumi, que nesse último período me fizeram companhia como nunca – e continuaram gentis e amorosos mesmo quando, por imprevisto, tivemos de fazer lar temporário, por meses, para quatro filhotinhos.

Às amigas Alessandra Tolc, Bianca Maciel e Giulia Rodrigues, pessoas muito especiais que apareceram na minha vida e a tornaram mais prazerosa, deixando mais leve o processo de confecção desse trabalho. Ao longo de muitas conversas sérias, diluídas em brincadeiras, piadas e risadas, eu consegui me sentir seguro para compartilhar meus problemas, e em troca recebi estímulo e abrigo.

À todos os amigos de turma que entraram comigo no curso de Produção Cultural em 2014.1, em especial Ana Carolina Mattos, Ayla Gomes, Ana Beatriz Policicchio e Paula Ubaldino, que se mostram sempre presentes quando preciso de apoio emocional e acadêmico, e que compartilharam comigo muitas angústias, desesperos, trabalhos em grupos e disciplinas – às vezes de 9h da manhã até 22h da noite. Com certeza guardarei muitas lembranças que levarei comigo para toda a vida.

Ao meu orientador, Luiz Mendonça, por prontamente aceitar o desafio de participar desse projeto mesmo quando nem eu sabia direito o conteúdo da minha pesquisa. Luiz é uma dessas pessoas únicas que existem no mundo, que tem uma energia imensa e que sempre te anima, mostrando um milhão de caminhos possíveis a seguir. Além, é claro, de te deixar livre para poder criar e explorar o que gosta.

Aos mestres que aceitaram participar da minha banca e que também foram meus professores Wallace de Deus e Neide Marinho. Fico honrado por terem aceitado ler as palavras que escrevi.

Aos professores João Domingues, Marina Bay Frydberg, Marisa Mello, Ana Enne, que através de suas matérias ajudaram a moldar minha escrita e contribuíram para a formação de quem eu sou hoje no mundo acadêmico, e que se reflete nesse trabalho.

Finalmente, quero agradecer a mim me permitir quebrar as barreiras da perfeição utópica, da vergonha, do medo e da descrença no meu potencial, que me impediam de expressar e defender aquilo que me toca profundamente e tentar sensibilizar outras pessoas ao apresentar essa visão de mundo que me é tão especial.

Quando a gente [acha que] está plantando, nós não estamos plantando – isso é *rupa-kaya* [realidade material]. O que estamos produzindo é a manifestação de uma energia de beleza na conexão com os seres; um tipo de informação e um tipo de influência que vai se movimentar. Se a gente pretende sobreviver, não vai ser porque nós plantamos, mas porque produzimos esse encantamento. Só que esse encantamento não é uma teoria, esse encantamento está acontecendo em muitos lugares. A energia que movimenta as pessoas é uma energia diferente, as coisas começam a aparecer e se sustentam. [...] Quando a escola vem aqui e quer interagir junto com a horta as crianças estão se transformando nessa direção. Quando eles vêm aqui e olham o que está acontecendo, eles ficam com vontade de morar aqui, de entender o que nós fazemos. Na verdade, eles querem esse encantamento, esse processo luminoso. Se ele funciona, ele altera nossas vidas, ele dá significado às nossas vidas. E esse novo significado, esse significado mais feliz para nossas vidas, isso é a *terra pura* surgindo. *Terra pura* não são as paredes, mas o que sustenta as paredes, o que faz as coisas funcionarem.

Lama Padma Samten (Retiro de Inverno de 2019)

RESUMO

Partindo dos motivos pelos quais as grandes metrópoles possuem um estilo de vida acelerado e industrial, completamente distanciadas do contato íntimo com a natureza, o presente trabalho busca refletir sobre as possibilidades de cultivo de alimentos e remédios mesmo em meio a esse cenário árido e acinzentado. Baseado no conceito de “desencantamento do mundo”, do sociólogo Max Weber, e portanto considerando essas práticas pessoais e coletivas de plantio como enraizadas em uma antiga visão mágica de realidade, analisamos as atuais formas de Hortas Urbanas como alternativas ao ritmo automatizado da sociedade contemporânea: essas são experiências capazes de produzir efeitos revolucionários nos hábitos e na mentalidade daqueles envolvidos. Localizando nossos exemplos na cidade do Rio de Janeiro, identificamos que essas iniciativas podem se apresentar tanto em âmbito comunitário – incentivadas pelo Estado ou construídas a partir de ocupações coletivas, sobre áreas ignoradas ou marginalizadas – quanto de modo privado/familiar – dentro de casas, terraços e apartamentos. Essas diferentes possibilidades de produção de vegetais surgem como verdadeiros laboratórios agroecológicos, cuja prática reconfigura a relação das pessoas com o espaço físico, com sua alimentação e com sua própria consciência ambiental. Enfim, culminando em uma mudança na visão de mundo dos indivíduos urbanos, que se reconhecem novamente como pertencentes à vida da Terra, reencantando seu olhar sobre a natureza – da qual inevitavelmente fazem parte.

Palavras-chave: desencantamento; horta urbana; natureza; estilo de vida; visão de mundo.

ABSTRACT

Starting from the reasons why the great metropolises have an accelerated and industrial lifestyle, completely separated from the intimate contact with nature, the present paper contemplates the possibility of growing food and medicine even in this arid and grayish landscape. Based on the concept of "disenchantment of the world" by sociologist Max Weber, and therefore considering these personal and collective planting practices as rooted in an ancient magical vision of reality, we analyze the present forms of Urban Horticulture as alternatives to the automated pace of contemporary society: experiences capable of producing revolutionary effects on the habits and mentality of those involved. Locating our examples in the city of Rio de Janeiro, we identify that these initiatives can be presented at a community level – encouraged by the State or built from collective occupations, on ignored or marginalized areas – and privately/homely – in houses, terraces and apartments. These different possibilities of vegetable production appear as real agro-ecological laboratories, whose practice reconfigures the relationship of people with physical space, with their food and with their own environmental consciousness. Finally, culminating in a change of the worldview of urban individuals, who recognize themselves again as belonging to life on Earth, re-enchanting their gaze on nature – which they inevitably are part of.

Keywords: disenchanted; urban horticulture; nature; lifestyle; worldview.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DO PENSAMENTO MÁGICO À AUTOMATIZAÇÃO DOS CORPOS	14
3	LABORATÓRIOS DE DIÁLOGO COM A NATUREZA	20
3.1	Hortas Urbanas Comunitárias	21
3.1.1	<i>Hortas Urbanas Incentivadas pelo Governo: o programa Hortas Cariocas</i>	21
3.1.2	<i>Hortas de Ocupação Coletiva</i>	24
3.1	Hortas Urbanas Privadas	27
4	DESCOLONIZANDO O PENSAMENTO: UMA MUDANÇA NO OLHAR ...	30
4.1	Relação com o espaço físico	31
4.2	Relação com o alimento	32
4.3	Relação com a natureza	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1. INTRODUÇÃO

Desde a Revolução Industrial, e sobretudo a partir da segunda metade do século XX, a intensificação do ritmo de trabalho e o vasto crescimento tecnológico nas metrópoles mundiais nos afastaram cada vez mais de atividades simples e ancestrais, como o plantar. Diretamente ligada ao surgimento das grandes civilizações e assumindo uma pluralidade de técnicas e de formas ao longo dos seus milênios de existência, essa prática essencialmente humana é sem dúvida destinada aos mais distintos fins, que vão desde a subsistência – com a nutrição, a medicina, a produção de matéria-prima, etc – à expressão cultural – através da diversidade culinária, paisagística, ornamental etc. Contudo, apesar desse caráter funcional, aparentemente pragmático, do cultivo, há também um potencial intimista na atividade do plantar que pode evocar, subjetivamente, a transmissão de conhecimentos sensíveis ao indivíduo que explora o contato com a terra – acompanhando o gradual desenvolvimento de uma muda, testemunhando a delicadeza com que uma flor desabrocha e inevitavelmente murcha, e reconhecendo de perto o caráter cíclico da vida da Terra. Se manifestando enquanto uma prática cultural tão múltipla e ainda assim tão fundamentalmente arraigada à existência humana, existe um certo encanto no cultivo das plantas que vai além de saciar nossas necessidades, e até mesmo além de “paisagizar” nossas fantasias: ele traz à tona diferentes alternativas para uma mudança necessária à visão de mundo da civilização moderna.

Na contramão do sistema hegemônico do agronegócio brasileiro – que se apoia em escolhas nada sustentáveis como a utilização de agrotóxicos, monoculturas, desmatamento extensivo, etc –, vêm surgindo diversas opções de plantio que, ao invés de destruir, estimulam a conservação da biodiversidade e a autossustentação dos recursos naturais. Estas se baseiam em técnicas e pesquisas que não só legitimam, mas viabilizam essa realidade, tais como: 1) a agricultura orgânica, prática que integra o estudo da ecologia, biodiversidade e as condições locais para não depender de insumos e substâncias químicas nas plantações, priorizando, ao invés, métodos e agentes naturais que evitam perturbar o equilíbrio do ecossistema, protegendo a saúde ambiental e, igualmente, dos consumidores finais e trabalhadores da horta; 2) a agroecologia, ciência interdisciplinar que busca compreender a complexidade e interpelação dos processos naturais para produzir alimentos de maneira mais integrada aos biomas já existentes, se preocupando inclusive com toda a cadeia de produção, desde as condições de trabalho dos agricultores até o nível de industrialização de todo processo; 3) a agrofloresta, técnica que visa integrar as etapas de desenvolvimento de uma floresta com as de produção de alimentos (pecuária, horticultura, fruticultura, apicultura, etc), tendo como principal vantagem o

não desmatamento da vegetação nativa – ao invés, a torna parte do processo, o que promove até mesmo a recuperação do solo e das nascentes.

O que esses exemplos mostram, enfim, é que há mecanismos (tecnológicos e intelectuais) disponíveis para uma produção mais sustentável e saudável de alimentos mesmo nos centros urbanos, não só preservando, mas assimilando ao cotidiano essa matéria fundamental para a vida: a natureza. E os benefícios são numerosos: alimentos mais nutritivos e saborosos; economia com temperos, verduras e legumes vindos de uma horta caseira; infusões, chás e estratos de ervas para curar diversas doenças ou aliviar sintomas recorrentes; menos gastos indiretos (com transporte a longa distância, armazenamento, adubação química etc); embelezamento da paisagem e instauração de atmosferas mais agradáveis e aconchegantes; resfriamento da temperatura da cidade (pela transpiração das plantas e absorção do calor); purificação do ar; proteção contra deslizamentos de terra e assim por diante. Nesse sentido, o que podemos constatar é que o principal obstáculo à realização dessa nova modalidade de produção não é de ordem pragmática – por falta de informação ou por falta de recursos objetivos –, mas principalmente de ordem ideológica, ou seja, pela falta de confiança coletiva nessas alternativas como mecanismos viáveis (ou mesmo interessantes) a maior parte da população.

Com o objetivo de estimular essa vontade por uma vida mais sustentável e equilibrada, este trabalho pretende, portanto, investigar as possíveis causas da sociedade urbana ter afastado a agricultura, uma atividade ancestral, para longe dos seus centros e dos seus habitantes e, com isso, justificar o porquê da importância de se resgatar essa proximidade com o cultivo das plantas – que, enfim, é a base de nossa subsistência. Para tanto, no primeiro capítulo, começamos por analisar o conceito de “desencantamento do mundo”, do sociólogo Max Weber, e o relacionamos à perda do contato íntimo com a natureza, já que esse autor afirma que os camponeses pré-industriais que viviam das suas lavouras utilizavam o seu meio ambiente como veículo e palco para suas práticas mágicas e rituais em busca de benefícios para suas colheitas (PIERUCCI, 2013). Ou seja, nesses “jardins encantados”, as pessoas acreditavam na possibilidade de recorrer a seres divinos que emanavam da própria vida da Terra, daí sua proximidade com a natureza e seus saberes – que acabaram por cadenciadamente diminuir ao longo de um processo de desencantamento iniciado pela religião cristã, e aprofundado pela ciência e sua afinidade com o modelo de desenvolvimento capitalista.

Apesar desse amplo movimento de ruptura do ser humano com a natureza, existem formas de resistência que fogem a esse processo de industrializante do mundo e que buscam estimular o contato dos indivíduos com a terra: estas são as Hortas Urbanas, analisadas no segundo capítulo a partir de exemplos localizados na cidade do Rio de Janeiro. Para entender

melhor como se inserem na dinâmica da metrópole, essas experiências serão divididas em: Hortas Urbanas Comunitárias – que subdividem-se em Hortas Urbanas Comunitárias Incentivadas pelo Governo e Hortas Urbanas Comunitárias de Ocupações Coletivas – e Hortas Urbanas Privadas. Aqui, analisamos como elas erguem suas estruturas físicas e estabelecem contato com a rede de agentes urbanos envolvidos direta ou indiretamente – gestores, voluntários, moradores. Algumas questões norteadoras são: como é construída uma Horta Urbana? quem é responsável por essas hortas? quem participa desses projetos? quem se beneficia de sua produção? qual a participação da comunidade? como elas conseguem prosperar em meio à confusão e à aridez urbanas como as do Rio de Janeiro?

A partir desses exemplos, o terceiro capítulo investiga pontualmente o desdobramento e o impacto que elas causam na relação das pessoas com o espaço em que são implementadas, com o alimento que é produzido e consumido pela população, e, mais amplamente, com a visão cultural e pessoal sobre a natureza, que é a base desse processo. Assim, além de enraizar no cotidiano do indivíduo urbano a lembrança de questões como a urgência de uma preservação ambiental efetiva e generalizada, esses laboratórios agroecológicos também podem fazer florescer uma outra paisagem subjetiva na mente das pessoas, transformando sua visão utilitarista de consumo e competição, em uma visão contemplativa de diálogo e intimidade com o meio ambiente. Dito isso, buscamos apresentar as Hortas Urbanas como instrumentos para um possível “reencantamento do mundo”, e por conseguinte, caminhos para uma reaproximação desse contato ancestral dos seres humanos com a vida da Terra.

2. DO PENSAMENTO MÁGICO À AUTOMATIZAÇÃO DOS CORPOS

Desmatamento, esgotamento dos recursos naturais, aquecimento global, contaminação do solo e do alimento por agrotóxicos, poluição generalizada das águas do planeta: não há mais ameaças de uma distopia iminente, vivemos hoje mesmo em plena crise ambiental. Embora cada vez mais o meio ambiente venha sendo pauta, mundialmente, em discussões públicas e reuniões governamentais, os discursos por medidas que protejam a nossa biodiversidade e que projetem uma vida mais sustentáveis em sociedade não parecem causar a comoção necessária – tendo em vista a urgência dessa mudança. Nosso modelo de produção capitalista, adotado na maior parte dos países, vem demonstrando que não consegue se manter sozinho nesse contínuo fluxo de exploração: seu movimento intenso, expansivo e insaciável na utilização de recursos (humanos e naturais) vem prometendo, no que tange o bem-estar do planeta, apenas descaso, escassez e destruição. Esse prognóstico, por exemplo, se faz vividamente presente nos recentes crimes ambientais cometidos em Brumadinho/MG (2019) e Mariana/MG (2015), cujo rompimento de suas barragens de rejeito tóxico de mineração – devido à irresponsabilidade da empresa Vale ao ignorar os avisos de risco em privilégio de não parar sua produção –, causaram mortes e devastação com perdas incalculáveis para o ecossistema da região e do Brasil como um todo.

Priorizando o lucro e a produtividade, essa mentalidade desconsidera que muitos desses recursos são finitos e que certos impactos são de difícil ou improvável reversão, não apenas em relação aos "acidentes" – como o supracitado, ou também a contaminação nuclear causada pelas usinas de Chernobyl (1986) e Fukushima (2011), ou ainda o vazamento de petróleo no Kuwait (1991) –, mas também à práticas corriqueiras e motivadas pela ganância e pela falta de consciência ecológica, como o uso indevido e exagerado de agrotóxicos pelo agronegócio. Ou seja, caso não haja uma política de preservação, administração e estímulo à produção e utilização responsável desses recursos, eles cadenciadamente se esgotarão e, conseqüentemente, ainda produzirão cada vez mais resíduos e rejeitos com a intensificação de sua busca, o que, fora o evidente impacto global dessa escassez, ainda forçará o colapso econômico desses setores e, conseqüentemente, dessa própria lógica de mercado.

Assim, inserida nesse modelo industrial que explora a terra sem se preocupar com os impactos gerados, a agricultura tem um papel fundamental na presente crise, pois

tem sido considerada uma das principais causas e, ao mesmo tempo, uma das principais vítimas dos problemas ambientais da atualidade. Essa relação mutuamente negativa [...] deriva de um determinado en-

foque técnico-científico que, no século 20, fomentou a transplantação para a agricultura da lógica produtiva inaugurada dois séculos antes com a Revolução Industrial. A rápida disseminação global dos padrões técnicos da Revolução Verde trouxe como consequência uma profunda reorientação na lógica de apropriação dos recursos naturais pela agricultura, sobretudo ao distanciá-la dos processos ecológicos responsáveis pela reprodução da integridade ambiental dos agroecossistemas. Diante da magnitude dos impactos ambientais negativos gerados pela agricultura industrial, vem-se construindo, atualmente, um amplo consenso mundial de que o seu padrão produtivo está esgotado, já que deteriora a base biofísica necessária à sua própria reprodução. (PETERSEN *et al.*, 2009, p. 01)

De fato, é esse modelo de produção o principal causador da crise ambiental global, porém ele é apenas reflexo de um modo de pensar, antropocêntrico e produtivista, que o implementou e que é responsável por perpetuá-lo. Ironicamente, como não se preocupar com o meio ambiente quando o ser humano é, inevitavelmente, parte integrante da natureza que ele depreda? Por que parece tão difícil que medidas de preservação sejam aceitas pelas indústrias? Por que o consumidor parece tão prontamente aceitar um alimento poluído por químicos a uma opção orgânica e livre de xenobióticos¹? Por que cortar uma árvore que "atrapalha" a passagem ou que "impede" um carro de estacionar pode parecer uma opção prática viável, senão mesmo inteligente, à lógica urbana? Para responder essas perguntas é necessário, primeiramente, compreender o processo que levou a população urbana a se afastar do seu contato com a natureza, pois esses problemas ambientais só existem devido a aceitação e a incorporação de um funcionamento destrutivo de sociedade. Essa confusão nasce da perda de nosso reconhecimento como parte da vida da Terra, isto é, como organismos que coexistem em completa interdependência a todos os outros seres e processos naturais do planeta. Assim, a questão fundamental é: será que a lógica da "obsolescência programada" se aplica apenas ao que é produzido ou se estende ao próprio modo de produção? Em outras palavras, por que o nosso modelo urbano de sociedade é, enfim, um modelo de autodestruição?

Esse distanciamento da natureza vivenciado pela população urbana é analisado pelo sociólogo alemão Max Weber como o desencadeador de um "desencantamento do mundo", isto é, um processo que envolve não só novos sistemas de produção, mas também uma transformação coletiva do pensamento humano, em especial sua relação com um perspectiva mágica de mundo que antecede nossa sociedade secular. Antes da Revolução Industrial, da formação das grandes cidades e da agroindústria como conhecemos hoje, a maior parte da população mundial vivia no meio rural e já praticava uma agricultura tradicional e desenvolvida

¹ Xenobióticos são todos os compostos químicos estranhos a um organismo ou sistema biológico, que não fazem parte ou não são esperados/digeridos por aquele corpo.

geração após geração, sobrevivendo do cultivo desses alimentos locais e dessas técnicas específicas de cada região. Para Weber, esses camponeses viviam em um mundo animado por inteligências sobrenaturais, acreditando que deusas e deuses, espíritos e seres encantados poderiam influenciar, favorável ou desfavoravelmente, sua sorte, sua saúde e suas colheitas. Pesquisador desse conceito e autor do livro “Desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber”, o professor e sociólogo brasileiro Flávio Pierucci afirma que

[Weber] tende a jogar a magia antes de mais nada para a vida no campo. Para a "natureza", noutras palavras. E para o passado. (...) ele faz dos camponeses os portadores por antonomásia dessa "forma de religiosidade primordial" que é a magia. É que, segundo ele, o contato constante com a natureza a que se veem obrigados os camponeses por sua atividade econômica específica, a qual os submerge nos "processos orgânicos e fenômenos naturais", puxa irresistivelmente pela magia. Pesa ainda o fato de ser uma vida econômica "muito pouco suscetível de uma sistematização racional. (PIERUCCI, 2013, p.76)

Nesse trecho, conseguimos observar que Weber relaciona a vida no campo com as práticas mágicas, isto é, uma relação de dependência das pessoas com a natureza, que se torna o veículo de conexão com uma realidade suprassensível (PIERUCCI, 2013), unindo assim a paisagem do mundo mágico com o meio ambiente. Dito isso, através dessa concepção que esses camponeses estão intimamente ligados à vida da Terra, conseguimos perceber a presença de um olhar maravilhado sobre o cotidiano já que “estavam imersos em um mundo encantado, à medida que todos os acontecimentos ao seu redor estavam ligados aos fenômenos naturais, com os quais eles também podiam se conectar utilizando plantas alucinógenas ou rituais” (AFIUNE, 2017, p.266). Por meio desse convívio no que Weber chamava de “jardins encantados”, as pessoas se inserem em um ritmo de vida muito mais contemplativo e experiencial do que se apresenta na configuração moderna de sociedade urbana, expressa pelas grandes metrópoles acinzentadas, de chão concretado e destacada das áreas verdes. Então, para descobrir quais seriam as causas desse desencantamento e o conseqüente distanciamento humano da natureza, Weber identificou dois momentos cruciais nesse processo: o desencantamento pela religião (que suprimiu a magia) e o desencantamento pela ciência (que, por sua vez, invalida não só a magia, mas também a religião) (PIERUCCI, 2013).

Em primeiro lugar, portanto, o monoteísmo religioso ascende como um instrumento de silenciamento da magia e de subjugação das sabedorias populares, um processo que, principalmente com o desenvolvimento do cristianismo no mundo ocidental, passa a ser representado pela Igreja como a autoridade apta a julgar e condenar tudo aquilo que ia contra a sua ver-

dade. Nessa forma dogmática de pensamento, só existia um deus a seguir e cultuar, e tudo que desviasse disso era colocado na categoria de pecado, de heresia e do diabo. Segundo Pierucci:

Magia é coerção do sagrado, compulsão do divino, conjuração dos espíritos; religião é respeito, prece, culto e sobretudo *doutrina*. Sendo principalmente a *doutrina*, a religião representa em relação à magia um momento cultural da racionalização teórica, de *intelectualização*, com nítidas pretensões de controle sobre a vida prática dos leigos, querendo a constância e a fidelidade à comunidade de culto. A normatividade que corresponde à magia é o tabu; a normatividade que vai resultar da religião é a ética religiosa. Por isso, a passagem da magia à religião corresponde termo a termo à travessia do império do tabu ao domínio do pecado, no qual o conceito do “mal” se separa da noção de “desfavorável”, “nocivo” ou prejudicial. (PIERUCCI, 2013, p. 70)

Portanto, essa religião pretende controlar as pessoas, os seus corpos, seus afazeres, suas crenças e sua autonomia ao dizer o que é pecado e o que não é, o que é certo e errado, o que é de deus e o que é do diabo. Dentro dessa moralidade restrita, as forças da natureza – e mais categoricamente os impulsos naturais da mente e da carne – se tornam uma ameaça, pois são fenômenos incontroláveis e insubmissos ao domínio dos dogmas. Tudo que é instintivo ou criativo, tudo o que vibra com espontaneidade ou que pensa outras soluções para os problemas mundanos passa a ser coordenado, vigiado e aprovado pela sabedoria do deus da Igreja, representado pelas pessoas “designadas por Ele” para espalharem sua palavra: padres, bispos e sacerdotes. Essa religião trouxe também uma noção extramundana do pós-morte, marcada pela divisão entre céu e inferno e causando uma mudança na relação de súplica com o divino, pois enquanto os interesses mágicos se distinguiam por “seu caráter parcial e imediato e cada vez mais frequentes quando se passa aos pontos mais baixos na hierarquia social” (BOURDIEU *apud* PIERUCCI, 2013, p.80), os interesses propriamente religiosos assumiam um caráter de busca pelo absoluto e pelo transcendental. Essa noção fez com que as pessoas que antes tinham desejos de realizações para essa vida e nesse mundo, agora rogassem por salvação e misericórdia na sua passagem pela morte em direção ao almejado paraíso.

Um segundo momento desse processo de desencantamento do mundo se dá com o advento da ciência, que ao tentar explicar todos os fenômenos naturais com base em experimentos técnicos e teorias materialistas – isto é, justificando uma visão de um mundo mecânico e inanimado –, também contribuiu para nosso afastamento dessa intimidade mágica com o meio ambiente. “Ao calcular a natureza, a ciência a desencanta, procurando apagar qualquer de seus mistérios, pois conforme suas premissas, tudo é dominável diante o cálculo.” (AFIUNE, 2017, p. 267). Através desse processo de racionalização do mundo e da vida, a humanidade experimenta um desprendimento da crença em explicações sobrenaturais, não só reforçando o

descrédito da magia, mas agora também o sufocamento da própria religião. Essa hegemonia da racionalidade sobre os mistérios da experiência humana nos deixou descrentes e com certa falta de sensibilidade para acessar uma consciência mística e conseqüentemente poder se interlaçar com uma realidade naturalmente animada. Se a religião impôs um intermédio institucional entre as pessoas e o seu mundo, a ciência fortalece essa separação impondo a esse contato um intermédio também teórico, e, portanto, totalmente pervasivo – porque ao invés de focar nos corpos, foca na mente.

Fundindo-se ao ideal mercantilista de crescente acúmulo de riquezas, esse pensamento científico e tecnológico gera as condições para o surgimento da primeira Revolução Industrial, que viabiliza a produção em massa de mercadorias e, portanto, permite a ampliação e o fortalecimento do modelo capitalista. Este, baseado no constante progresso econômico e na competitividade, passa a valorizar a alta lucratividade e a produtividade a qualquer custo, conseqüentemente promovendo e se sustentando com base na exploração desenfreada tanto da mão de obra humana quanto dos recursos naturais. Nesse período, as primeiras fábricas começaram a surgir e, junto a elas, as práticas de desmatamento, poluição, extrativismo e o próprio processo de urbanização tomaram uma escala cada vez maior. É estonteante perceber que mesmo após milhões de recursos, pessoas e paisagens consumidas por essa insaciedade, a nossa sociedade, mesmo séculos depois, ainda não conseguiu repensar ética, e nem estrategicamente, esse padrão de funcionamento. Isto é, a maioria das empresas atualmente, e principalmente as de maior porte, utilizam esse mesmo modelo de produção e continuam a expandir sem propor ações sustentáveis ou, no mínimo, ações corretivas que pudessem mitigar efetivamente o estrago causado.

A partir desse cenário, surge o que chamamos de agroindústria, isto é, um sistema de produção de alimentos e matérias-primas em larga escala, viabilizado pela hipermaquinização em todas as etapas do processo, e voltado para suprir grandes complexos urbanos. Portanto, quando antes barganhava-se com deusas e deuses para conseguir sucesso no cultivo, agora passa-se a depender desses aparelhos para garantir o sucesso na produção. O mundo, a natureza, passa a se tornar intermediado por esses agentes inanimados e o contato com os próprios ciclos da Terra – as plantas de cada estação, cada etapa do plantio à colheita, a presença natural de nascimento e morte – deixam de ser vivenciados e mesmo percebidos pelo cidadão comum. Muitas relações com a natureza se encontram distorcidas, na maioria das vezes limitadas apenas a escolha de frutas nas prateleiras dos supermercados, alimentos cheios de agrotóxicos e produzidos às custas da saúde e da biodiversidade do planeta.

Embora o pensamento científico tenha sido indispensável para o avanço do conhecimento causal sobre o planeta e suas descobertas tecnológicas possam contribuir para um maior bem-estar humano, suas promessas de controle sobre a matéria mecanizaram e racionalizaram nossa relação com o que há de mais orgânico: nosso corpo e o ecossistema que o envolve. Refletindo o modelo capitalista que se consolidou séculos atrás, essa automatização dos corpos influenciou diretamente no ritmo da cidade, que é completamente diferente do meio rural ou da vida pré-Revolução Industrial. Extremamente intenso e acelerado, esse ritmo é focado na jornada de trabalho e na competição por acumular mais e mais capital – não somente físico, mas sobretudo simbólico (fama, *status*, contatos, *stories*, curtidas e seguidores) –, nos impossibilitando de reassumir nosso lugar contemplativo frente à natureza e resgatar a imagem de um mundo vivo e relacional, isto é, de uma realidade que não está ali para ser usada e usurpada, mas para nos incluir e nos instigar. Como respostas às consequências mais danosas desse desencantamento, vem emergindo movimentos de popularização de áreas verdes no meio urbano, dentre eles experimentações de cultivo de alimentos em áreas antes esquecidas no meio do fluxo da metrópole. O estímulo a esses caminhos possíveis de comunhão com o planeta nos traz a aspiração de efetivamente reconciliar a civilização moderna com a natureza.

3. LABORATÓRIOS DE DIÁLOGO COM A NATUREZA

Conforme discutido no capítulo anterior, podemos observar que o cotidiano do mundo desencantado contemporâneo apresenta, resumidamente, os seguintes aspectos: ritmo de vida urbano acelerado, distanciado do contato com a natureza e seus ciclos; industrialização do ecossistema e exploração dos seus recursos de forma não sustentável, priorizando o lucro e a expansão da cadeia produtiva; descaso e ignorância em relação ao bem-estar do meio ambiente, resultando em efeitos autossabotadores da própria sociedade capitalista, como o consumo de alimentos repletos de agrotóxicos e xenobióticos prejudiciais à saúde, contaminação e escassez dos recursos hídricos, exaustão das áreas adequadas ao plantio pela intoxicação e empobrecimento irrecuperável do solo, etc. Contudo, mesmo diante desse cenário disfuncional e destrutivo, há uma diversidade de modos de vida alternativos que vêm surgindo ao redor do mundo para provar que existem sim possibilidades mais saudáveis de organização comunitária e de coexistência com a natureza – tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista psicossocial.

Se focarmos em nossa cidade, o Rio de Janeiro, podemos encontrar terrenos, cedidos pelo governo ou apropriados pela população, aonde uma pessoa responsável (ou a própria comunidade) planta alimentos e os compartilha entre si, seja de forma solidária ou negociada. Estas são as chamadas Hortas Urbanas. Segundo os dados da Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente (Seconserva) existem 66 hortas públicas e comunitárias espalhadas pelo Rio de Janeiro; espaços que só existem porque contam com a colaboração dos habitantes locais, que se engajam sem necessariamente priorizarem um retorno lucrativo. Da mesma forma, e não menos importante, existem também as iniciativas privadas de pessoas que aproveitam seus quintais ou até mesmo suas varandas para cultivar alimentos para consumo próprio, não tanto com o objetivo de subsistência, mas de investigar possibilidades mais sustentáveis e saudáveis que possam ser incluídas no seu cotidiano – um exemplo bastante acessível são as ervas frescas, uma opção prática que preserva a vitalidade da planta e evita o desperdício, pois a quantidade necessária é colhida na hora.

Em ambos modelos de cultivo, existe o potencial do alimento se tornar “um instrumento pedagógico, transpondo os limites do ato alimentar, fazendo com que este se transforme em um ponto de partida para novas descobertas” (CASTRO *apud* MORGADO, 2006, p.8). Para compreendermos melhor esse processo e suas consequências objetivas e subjetivas, precisamos analisar em mais detalhes o funcionamento das Hortas Urbanas, suas peculiaridades e seus desdobramentos na relação com suas respectivas comunidades e também com a

cidade como um todo. Para tanto, partimos de alguns exemplos situados na cidade do Rio de Janeiro e propomos duas categorias gerais para melhor estudar os efeitos desse movimento nas estruturas sociais e nas visões de mundo contemporâneas: as Hortas Urbanas Comunitárias – subdivididas em Hortas Incentivadas pelo Governo e Hortas de Ocupações Coletivas – e as Hortas Urbanas Privadas.

3.1 Hortas Urbanas Comunitárias

As Hortas Urbanas Comunitárias são espaços onde a população local, a partir de uma demanda por autonomia e do reconhecimento de terras disponíveis na região, se engaja para produzir mudas de hortaliças, ervas medicinais, frutas, leguminosas e outros vegetais para consumo da própria comunidade. Geralmente começam identificando áreas urbanas ociosas ou praças subaproveitadas e se articulam para instalação da horta, o que necessita do apoio e participação ativa de voluntários para limpar, preparar a terra, semear e principalmente regar a plantação (ARRUDA, 2006). Elas podem tanto ser implementadas com incentivo do governo – como o projeto Hortas Cariocas, que financia a construção de áreas de plantio e emprega pessoas para a sua manutenção, mas que depende exclusivamente da vontade inicial da comunidade de requerer sua realização – quanto por iniciativa de um agrupamento autônomo de pessoas (geralmente moradores da região) que, através da ocupação de terrenos baldios ou canteiros de praças, transformam esses ambientes marginalizados e abandonados em locais de produção de comida e remédios naturais.

3.1.1 Hortas Urbanas Incentivadas pelo Governo: o programa Hortas Cariocas

Na cidade do Rio de Janeiro, existe desde de 2006 o programa Hortas Cariocas, projeto criado na Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAC) pela Gerência de Agroecologia e Produção Orgânica – GAP, que está presente em 40 unidades produtivas, sendo 17 em comunidades de baixa renda e 23 em equipamentos da Secretaria Municipal de Educação (SME). O objetivo principal do projeto é incentivar e facilitar a criação de hortas comunitárias em áreas carentes do município, mas promover ganhos secundários como: a redução dos índices de ocupação irregular em áreas de risco; o aumento dos índices de inclusão social e de postos de trabalho; o estímulo ao desenvolvimento da educação alimentar e da diversidade de gêneros alimentícios; a maior disponibilidade de alimentos a custos acessíveis etc. Para implementação do projeto em alguma área, o pedido deve vir da comunidade – ou melhor, da

associação de moradores ou escola – para a prefeitura, e não o contrário. A ideia é que as próprias pessoas demonstrem sua vontade de construir a horta, o que indica maiores chances de se mantê-la e, futuramente, de se emancipar do governo. Após o pedido, uma equipe gestora vai ao local para avaliar se ele possui as condições mínimas para a produção: estar em área de uso comum da comunidade, sem uma inclinação muito elevada e que tenha um tamanho compatível com o número de habitantes.

Toda equipe que trabalha na horta deve ser formada por membros da comunidade que já tenham alguma experiência no cuidado com as plantas ou então que serão capacitados pela própria prefeitura – o que não impede, futuramente, que os próprios trabalhadores da horta capacitem novas pessoas. A produção é dividida através do sistema de meação, no qual 50% é obrigatoriamente doada para instituições públicas localizadas nos arredores (escolas, creches ou abrigos) ou para famílias carentes indicadas pela associação de moradores. Já a outra metade é vendida a custos mais acessíveis à população e o lucro é dividido entre os beneficiários do projeto, que além disso recebem bolsas dadas pela SMAC: R\$450,00 aos hortelões para plantar, regar e inspecionar as hortas, e R\$570,00 aos administradores dos terrenos responsáveis por comandar outras atividades na horta – como requerimento de sementes e ferramentas, folha de ponto e participação em reuniões com o gerente do projeto.²

Essa iniciativa tem uma função social importante na construção da autonomia dos sujeitos, pois considera que em um determinado período de tempo as hortas se emanciparão da prefeitura. Isto é, a partir do momento em que a geração de renda com a venda dos alimentos supere as bolsas recebidas, as equipes podem optar por não receber mais esse auxílio e passam a conseguir se sustentar sozinhas, atingindo o estágio de emancipação. No trabalho *Agricultura Urbana: Um Estudo de Caso do Projeto Hortas Cariocas em Manguinhos, Rio de Janeiro*, a autora Érika de Mattos O'Reilly, engenheira ambiental, confeccionou a tabela abaixo, na qual podemos observar a etapa de horta do projeto até o ano de 2014:

² https://vejario.abril.com.br/cidades/hortas-cultivadas-em-terrenos-ociosos-estimulam-vida-comunitaria/?fbclid=IwAR1eAZMpA1dBxGeVAr04FTVL_EAoIG_YEJuyxtm_Qu3R6eu8OHLnrP9ucps

Tabela 1: Unidades de Produção do Projeto Hortas Cariocas (O'REILLY, 2014, p. 38)

Bairro /AP	Localidade
Rio Comprido / AP 1	Querosene
Santa Tereza AP 1	Morro da Coroa / Ginásio Experimental Olímpico
Santa Tereza / AP 2	Escola Municipal Juan A. Samaranch
Grajaú AP 2	Caçapava
Humaita / AP 2	CIEP Pres. Agostinho Neto
Rocinha / AP 2	Escola Municipal Abelardo Barbosa
Rocinha / AP 2	Rocinha
Tijuca / AP 2	Morro da Formiga
Tijuca / AP 2	Morro do Salgueiro
Tijuca / AP 2	CIEP Dr. A.M. T.Filho
Tijuca / AP 2	Chacara do Ceu/Casa Branca
Tijuca / AP 2	Morro do Borel
Vidigal / AP 2	Creche do Vidigal
Anchieta / AP 3	Jardim Independencia
Anchieta / AP 3	Rua Javatá
Colégio / AP 3	CIEP Dom Oscar Romero
Complexo do Alemão / AP 3	Fazendinha
Costa Barros / AP 3	Comunidade Portus 3
Guadalupe / AP 3	Complexo do Muquição
Madureira / AP 3	Morro de São José da Pedra
Manguinhos / AP3	Manguinhos
Maré / AP3	Vila Olímpica da Maré
Mare / AP 3	CIEP Samora Machel
Mare / AP 3	Parque Ecológico da Vila do Pinheiro
Jardim América / AP 3	Escola Municipal Andrade Neves
Parada de Lucas / AP 3	Escola Municipal Cardeal Câmara
Ramos / AP 3	Comunidade Roquete Pinto
Rocha Miranda / AP 3	Morro Faz Quem Quer
Vigário Geral / AP 3	Escola Municipal Heitor Beltrão
Vigário Geral / AP 3	Escola Municipal Jorge Gouveia
Vigário Geral / AP3	Escola Municipal República do Líbano
Vila da Penha / AP 3	Escola Municipal Grecia
JPA / AP 4	Jardim Anil
Rio das Pedras / AP 4	Escola Municipal Claudio B. Viana
Vargem Pequena / AP 4	Conjunto Cesar Maia
Paciência / AP 5	Conjunto Urucania
Paciência / AP 5	Gouveias / Conjunto Paçuaré
Realengo / AP 5	Conjunto Getúlio Vargas
Sepetiba / AP 5	Igreja Batista de Sepetiba / Nova Sepetiba
Santíssimo / AP 5	Santíssimo

Legenda:

Emancipada

Quase emancipada

Em funcionamento

Paralisada

Ao analisar a tabela podemos inferir que, até 2014, do total de 40 hortas urbanas: 7 se encontravam no estado de emancipação, 4 estavam prestes a se emanciparem, 8 estavam paralisadas devido a resultados insatisfatórios, e 21 estavam em funcionamento. Embora existissem oito hortas paralisadas – por não alcançar os resultados esperados na produção de alimentos e conservação pelo período de tempo estipulado e/ou quando os gestores do projeto percebem que os hortelões não estão mais realizando seu trabalho, visando apenas a bolsa concedida pela prefeitura –, o resultado geral se mostra positivo na busca por estimular a criação de hortas urbanas em áreas de vulnerabilidade e em escolas/creches, visto que sete hortas conseguiram se emancipar da bolsa da prefeitura e mais quatro estavam no processo de conquistar sua independência. Além disso podemos contabilizar que 80% das hortas citadas estavam funcionando com uma produção satisfatória segundo os parâmetros do programa.

Somando-se a essas informações, podemos observar a atual movimentação do perfil oficial do projeto Hortas Cariocas no *Facebook* e no *Instagram*, onde é possível perceber a atividade dessas páginas, com postagens diárias de fotos da produção de comida, das visitas realizadas por alunos de escolas da rede pública de ensino, dos hortelões trabalhando junto com membros das comunidades em diferentes regiões do Rio de Janeiro. Essas imagens nos levam a concluir que o projeto tem obtido sucesso quanto ao seu estímulo a plantação própria de alimento e ao aumento do contato da população do meio urbano com o meio ambiente.

3.1.2 Hortas de Ocupação Coletiva

Na cidade do Rio de Janeiro, também podemos encontrar praças ou terrenos baldios apropriados espontaneamente pela população para a produção de alimento, ou seja, hortas construídas a partir de ocupações coletivas. Essas áreas abandonadas e ociosas, geralmente com lixo, entulho e focos de animais proliferadores de doenças, se transformam em terra fértil e saudável por meio da ação dos moradores. Nesses espaços, além de uma "intervenção verde", são também propostas programações culturais e eventos que mobilizam a população a circular e conviver nesses locais, fortalecendo o propósito e a legitimidade da ocupação. Alguns exemplos são a Horta do Cosme Velho, como o próprio nome sugere, em Cosme Velho; a Horta da General, em Laranjeiras; a Horta na Praça Edmundo Rêgo, no Grajaú; e o projeto itinerante Planta na Rua, que atua em diversas praças públicas.

Inaugurada em 2012, a Horta Comunitária do Cosme Velho foi criada e é mantida pelos moradores e fica localizada no “antigo terreno baldio ao lado do bondinho para o Cristo

Redentor” – como indicado na página oficial no Facebook³. A horta é aberta a todos que queiram participar de forma voluntária e trabalhar tópicos como “economia de água, produção de adubos orgânicos, horticultura agroecológica, diversidade cultural e o respeito à natureza”. Comandada pela moradora Sônia Miranda, o local virou ponto de encontro, sobretudo em datas festivas, quando o espaço é usado para reuniões e comemorações, o que atrai ainda mais pessoas para se solidarizar com a ocupação. As ervas e temperos produzidos – como pimenta, hortelã e capim-limão – são disponibilizados para a população local, mas também fornecidos pra um restaurante vegetariano nas proximidades, que, em troca, alimenta as composteiras da horta com matéria orgânica. Isto é, esse resíduo – que acabaria sendo levado para aterros sanitários e misturado ao lixo reciclável, sem o tratamento devido e totalmente subaproveitado – se transforma em adubo para a própria plantação local, poupando inclusive gastos desnecessários com transporte de lixo, de comida, e de adubo, estabelecendo um circuito sustentável entre consumidores e produtores.

A Horta da General, por sua vez, localizada no final da rua General Glicério em Laranjeiras, surge a partir de um terreno palco de dois desabamentos de prédios na década de 60. Após 50 anos abandonado, a área foi apropriada em 2014 pelos moradores do entorno, que transformaram um espaço degradado e sem assistência em um lugar de confraternização e de produção de alimentos. Ícaro Santos, um dos idealizadores, explica que a horta não tem cercas nem muros, portanto está sempre aberta à população que precisar de algum alimento, incluindo moradores de rua⁴. O trabalho voluntário de plantar, regar, limpar e podar conta com uma média de 30 pessoas, todos os sábados, que além disso criam também espaços integrados de convivência entre os moradores do bairro. Porém, mesmo com esse apoio, o projeto não conseguia realizar as obras necessárias para melhora estrutural, principalmente quanto ao fornecimento de água, que era feito manualmente por meio de baldes e regadores enchidos e trazidos das casas e apartamentos próximos. Foi então que, em 2015, recorreram ao site Benfeitoria com a proposta de um financiamento coletivo para a construção de um mobiliário multiuso para lazer e oficinas, um bicicletário, iluminação com energia solar e um poço artesiano para acabar com a falta d'água. Com a meta de 20.000 reais e através do formato de contribuição *Matchfunding* – no qual uma empresa apoiadora dobra cada real doado até que a meta seja batida (nesse caso, foi a Natura) – o projeto conseguiu arrecadar, ao final, 22.444 reais⁵, corroborando o apelo positivo desses empreendimentos ao olhar da população urbana.

³ https://pt-br.facebook.com/pg/HortadoCosmeVelho/about/?ref=page_internal

⁴ <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/horta-comunitaria-vira-ponto-de-encontro-em-laranjeiras-18249101>

⁵ <https://benfeitoria.com/hortadageneral>

Outro caso, a Horta da Praça Edmundo Rêgo, surgiu em junho de 2015 pela iniciativa de Teo Cordeiro, um dos colaboradores do grupo Anitcha, que já exercia ações coletivas e colaborativas na praça. O grupo é formado por pessoas de diferentes formações e vivências, mas com um interesse em comum: promover atividades coletivas e colaborativas de forma social e economicamente justas. Sempre no segundo domingo do mês eles contam com a presença de voluntários para ajudarem a cuidar dos dois canteiros presentes na praça, plantando, limpando, colhendo e podando. Similar à Horta da General, a maior dificuldade que tinham era a rega, pois não possuíam um ponto de água local para instalação de uma mangueira ou para encher regadores. Propondo melhorias no espaço – como captação de água da chuva, melhoramento das composteiras, criação de um programa de educação ambiental para escolas, construção de um abrigo para ferramentas e de uma área de convivência –, o grupo também criou um financiamento colaborativo através do site Benfeitoria e dividiu em três metas de 5.000 reais, todas batidas antes do prazo de encerramento e totalizando uma arrecadação de 15.000 reais.⁶ Importante mencionar que a solução encontrada antes do financiamento veio pela boa vontade dos policiais, que da sua cabine na praça solidariamente cediam a água necessária para as regas: uma pequena ação importante para revelar a qualidade das interações formadas a partir da horta, que apela à sensibilidade das pessoas e evoca uma paisagem subjetiva de companheirismo e cuidado com o bem comum.

Um último exemplo é o Projeto Planta na Rua que, desde 2009, tem como objetivo principal reconectar as pessoas com o meio ambiente através de ações itinerantes em praças e terrenos baldios do Rio de Janeiro. O grupo atua de forma horizontal, sem uma liderança ou hierarquia definidas, mas é organizado principalmente pela engenheira de produção e pós-graduada em gestão ambiental Gabriela Fleury, que oferece não só ações solidárias, mas também execução de projetos que visam subsidiar as ações gratuitas. Dentre os serviços pagos oferecidos temos desde projetos paisagísticos, construção e manutenção de jardins, implementação de hortas urbanas, podas e cortes de grama à venda de sementes e mudas, criação de revistas e tutorias pedagógicas, palestras, etc. No que diz respeito à jardinagem solidária, o projeto também realiza plantios, hortas escolares, oficinas, aulas, além da manutenção de terrenos baldios e praças e da ação de reflorestamento. Com mais de uma centena de intervenções pelo Rio de Janeiro, quando o grupo é chamado para atuar em algum espaço, a ideia é implantar um jardim ou uma horta que possam ser mantidos pela comunidade local, cuidando e zelando pelas mudas que ali foram plantadas. Nesses casos, o Planta na Rua só volta para fazer

⁶ <https://benfeitoria.com/hortagrajau?ref=benfeitoria-pesquisa-projetos>

eventuais reparos, pois o mais importante é que as pessoas estejam dispostas a dar continuidade à plantação depois de pronta.⁷ Ao transferir o cuidado desse novo espaço para a população o grupo pretende incentivar ainda mais a disseminação de práticas ecológicas de cultivo para que isso se torne uma realidade no cotidiano dos moradores.

3.2 Hortas Urbanas Privadas

Outra modalidade de cultivo que está se tornando cada vez mais comum são as Hortas Urbanas em áreas privadas, geradas pela ação de um único indivíduo, de uma família ou um grupo de amigos, que passam a utilizar desde de quintais ou pequenos sítios caseiros a terraços, varandas ou até mesmo batentes de janela de seus apartamentos para criação de áreas verdes. Também chamada de “hortas em pequenos espaços” – denominação recorrente em muitas oficinas e *workshops* destinados ao ensino da prática – tem a premissa de aproveitar todo e qualquer ambiente com incidência constante de sol para plantar vegetais comestíveis em residências. As possibilidades são inúmeras, pois as mudas podem ser alocadas em canteiros na horizontal ou em vasos pendurados na parede (mais conhecida como "horta vertical" ou também "parede verde"); podem servir caixotes de madeira, vasos de plástico ou de barro, embalagens reutilizadas, caixas organizadoras, até os modernos vasos "auto irrigáveis" – uma invenção que corresponde a demanda de pessoas tipicamente inseridas no cotidiano urbano, mas que ainda assim querem ter a experiência de uma horta apesar da pouca disponibilidade de tempo (ou de prática). Da mesma forma, existem diversas espécies de plantas que podem se adaptar a diferentes circunstâncias, como o tempo de exposição solar ou a quantidade de terra disponível, e conseguir gerar uma colheita proveitosa – desde que se respeite o espaço necessário para o seu desenvolvimento completo. Explorar o potencial de cultivar o seu próprio alimento, portanto, depende menos de "condições ideais" e mais do interesse (e das informações disponíveis) em encontrar as alternativas possíveis dentre tantas possibilidades de locais, suportes e cultivares.

Diferente das Hortas Urbanas Comunitárias, que são formadas por integrantes com diferentes formações e vivências, o que possibilita a íntima troca de informações e a orientação direta a respeito de práticas de manejo com a produção, as pessoas que iniciam uma horta privada, a princípio, seguem por um caminho mais “solitário” e experiencial, às vezes conseguindo resgatar algum conhecimento tradicional passado de geração a geração através de

⁷ <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/projeto-transforma-areas-abandonadas-em-hortas-e-pomares-no-rio-de-janeiro-9sq8p4o9fwyww6g4t85mb8fqq/>

seus avós ou parentes mais velhos, que tinham mais arraigados a cultura de seu tempo o hábito de plantar. Contudo, para a maioria dos indivíduos urbanos, que geralmente não tem acesso direto a esse arcabouço empírico de informações, um dos principais aliados na construção dessas hortas independentes/individuais é a internet. Possibilitando o livre compartilhamento de saberes e experiências, esse meio de comunicação facilita e estimula as pessoas que se aventuram sozinhas na produção de alimentos, seja através de vídeos explicativos como em canais no *YouTube* ou como em grupos de hortas/hortelões urbanos no *Facebook*: redes povoadas por indivíduos que compartilham de uma mesma situação e que, embora não coabitem fisicamente, se conectam e se apoiam a partir dessa aspiração comum.

Nessas plataformas podemos encontrar conteúdo a respeito do que se plantar em cada mês do ano, de como combater pragas e até perguntar especificamente sobre as propensões de cada planta, buscando auxílio na comunidade online. Englobando não só o contexto das Hortas Urbanas Privadas, mas também dando visibilidade às descobertas e práticas das Hortas Urbanas Comunitárias, a internet cria, justamente, "redes sociais" que não apenas estabelecem trocas virtuais de informação, mas também encontros e trocas presenciais de mudas e sementes entre integrantes locais. Em uma breve pesquisa no *Facebook* pelas palavras-chave "troca de sementes", por exemplo, podemos encontrar diversos grupos e eventos espalhados pelas metrópoles do Brasil, indicando que há um notável movimento de cidadãos que comungam dessa motivação por contato com a biodiversidade mesmo em meio a realidade urbana. Inclusive, essa prática contribui muito para a disseminação de plantas não comercializadas pelos mercados e que são completamente ignoradas como uma opção culinária: conhecidas como "plantas comestíveis não-convencionais" (PANCs), estas costumam ser espécies plenamente nutritivas e muitas vezes acessíveis, mas que, seja por seu baixo apelo comercial ou seja por alguma inviabilidade de produção em massa, não são exploradas industrialmente. No que tange o meio urbano, a disseminação dessas PANCs dependia de um núcleo próximo de pessoas, geralmente ao comer na casa de um familiar ou de um amigo cuja bagagem cultural carregasse a lembrança dessas plantas como alimento; atualmente, contudo, resgate dessa memória gastronômica e a difusão dessas espécies se dá em níveis mais amplos devido ao alcance dos suportes digitais.

Enraizadas nessa sabedoria coletiva e inundadas por essa onda de intervenção verde, as Hortas Urbanas Privadas surgem como uma espécie de laboratório para pessoas que, muitas vezes, nunca plantaram qualquer alimento em suas vidas. Conforme vão estudando, sonhando e testando diferentes possibilidades, sua melhor metodologia de aprendizado é por tentativa e erro; em outras palavras, a horta exige do indivíduo urbano uma sensibilidade na

atenção e uma paciência no cuidado que subvertem o olhar mecanicista e industrial. Diferente de uma matéria-prima e um objeto inanimado, as plantas vibram e reagem de maneira muito particular às condições a que são expostas; a abordagem estritamente intelectual e cheia de "pode e não pode" é limitante e imprecisa: todas as informações que você adquire em livros, sites, cursos, etc, são insuficientes se você não "colocar a mão na terra" e testar essas técnicas, observar se realmente aquela planta se adapta à sua região, ao seu clima, ao tipo de solo que você está usando, à quantidade de rega sugerida. A agricultura não é uma ciência exata, pois depende de muitos fatores que são variáveis, dentre eles, a vida. A experiência prática e pessoal é indispensável porque ela acrescenta justamente isso ao conhecimento teórico: vivência, a capacidade de estabelecer relação com o mundo e não apenas analisá-lo.

Isso significa também lidar com a morte. Por isso, todas aquelas plantas que definham no processo, que matamos sem querer apesar de seguirmos cada "passo a passo", são igualmente importantes. Cada uma foi necessária para aprimorar o aprendizado de como cuidar corretamente, como perceber melhor as necessidades daquele organismo para que, aqueles que vierem em seguida, possam prosperar no seu potencial máximo e nos gerar prazeres sensoriais (e afetivos) através de seus brotos, flores e frutos. É nesse sentido que os exemplos de Hortas Urbanas presentes no Rio de Janeiro foram citados: eles atualizam essa paisagem subjetiva que se encontra subjacente ao contato com a natureza e que viabiliza um "reencantamento" do mundo. Revelando as possibilidades de expressão do verde nas cidades, elas não só nos apontam os caminhos para uma sociedade mais sustentável, mas realizam verdadeiras alternativas de reaproximação do cidadão urbano com o meio ambiente do qual faz parte, resgatando uma relação íntima com seus processos e ciclos, passando a entendê-los e respeitá-los. Assim, é a partir dessas experiências de produção orgânica, integradas ao cenário urbano, que nascem os hábitos e visões de mundo indispensáveis à concepção de uma sociedade contemporânea saudável.

4. DESCOLONIZANDO O PENSAMENTO: UMA MUDANÇA NO OLHAR

Na contramão dos sintomas destrutivos decorrentes do desencantamento do mundo, o contato com as Hortas Urbanas rejeita o padrão de vida acelerado e subverte o fluxo automatizado de trocas na cidade, estreitando a relação das pessoas com a natureza ao resgatar a intimidade e o respeito com a terra e a vegetação locais, não só em consideração à melhor integração da sua biodiversidade junto às metrópoles, mas a partir de uma preocupação com a qualidade dos alimentos disponíveis para o consumo dos cidadãos. Nesse sentido, é principalmente devido às mobilizações de grupos locais e às iniciativas individuais que essas "novas" modalidades de cultivo e de utilização dos vegetais passa a coabitar o espaço urbano, produzindo comida e utilizando recursos (diretos e indiretos) de forma mais sustentável e consciente.

Mais do que uma alternativa de produção, esses movimentos proporcionam experiências terapêuticas e até mesmo ideologicamente revolucionárias para pessoas que raramente, ou até mesmo nunca, colocaram a mão na terra, pois ao fazê-lo, elas conseguem se nutrir de uma outra visão de mundo. Acompanhando o crescimento das plantas, aprendendo como cuidar de cada espécie, saboreando aquilo que não encontram nos mercados, essas pessoas, atrofiadas pela estética asséptica e cinzenta da urbanização, desenvolvem uma nova sensibilidade e, principalmente, entram em contato com uma temporalidade diferente. Esta subverte o ritmo acelerado da rotina de trabalho e do consumo, sobretudo por sua proposta de contemplação da vida em formação, pois não é o indivíduo que determina como quer, quanto quer, quando quer, mas é o próprio alimento que se oferece, no seu tempo e do seu jeito, no momento em que está pronto para ser colhido. É menos uma perspectiva de exploração, e mais uma perspectiva de diálogo – com o mundo, com a vida, com a morte.

É preciso ter em mente que essas mudanças, para se consolidarem de forma significativa, dependem tanto de condições técnicas e logísticas quanto, ou até mais, de uma subjetividade coletiva que as justifique e as sustente. Nesse sentido, todas as atuais experiências com Hortas Urbanas se fazem necessárias mesmo quando se mostram incapazes de substituir por completo o sistema convencional de produção, uma vez que sua própria existência já é a manifestação de uma outra realidade possível. Mais que isso, o contato com essas hortas – verdadeiros laboratórios de diálogo com a natureza – é capaz de reconfigurar determinadas dinâmicas entre as pessoas e o seu meio ambiente; vínculos que se tornam o fundamento de uma contemporaneidade menos autodestrutiva e mais ecológica. Aqui, resumiremos essas

relações em três âmbitos: com o espaço físico, com o alimento e, subjacente a tudo isso, com a natureza – o que, enfim, é o que transforma nossa visão de mundo a ponto de reencantá-lo.

4.1 Relação com o espaço físico

Primeiramente, no que diz respeito às Hortas Urbanas Comunitárias, a mudança de relação com o espaço físico se dá já no momento em que uma ou mais pessoas estabelecem, para o resto da comunidade, que determinado local – antes abandonado ou ignorado – será então destinado à horta, e que todos podem participar de sua construção e usufruir de seus produtos. A partir dessa simples atitude, múltiplas interações de pessoas começam a surgir a partir da implementação e da legitimação desse espaço, o que, ao longo desse processo, faz uma sensação de pertencimento ser edificada junto à estrutura física. Um pertencimento tanto dos indivíduos à sua horta, quanto da horta em relação à cidade – um ponto comum de identificação e, por isso, de representatividade da comunidade. Esse movimento foi percebido pela pesquisadora e professora Lúcia Costa (do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da UFRJ) quando analisou o programa de governo "Hortas Cariocas", mencionado no capítulo anterior. Segundo as considerações da autora⁸, por meio do trabalho nessas hortas, as pessoas que moram em favelas não só experimentam uma mudança no seu cotidiano e na paisagem física onde estão inseridas, mas passam por uma transformação interna pela qual começam a se reconhecer parte da cidade. Assim, se sentido integrado ao fluxo criativo da horta – não só como mão-de-obra, mas como colaborador e habitante daquele espaço –, esses indivíduos passam a se ver representados por aquilo que estão construindo e, então, reivindicam seu lugar na cadeia produtiva da pólis, desafiando sua situação de dependência e vulnerabilidade social.

Por sua vez, nas Hortas Urbanas Privadas, existe igualmente, como vimos no capítulo anterior, uma dimensão de comunicação com os espaços públicos (virtuais e físicos) da cidade – através de encontros, de postagens na internet, de criação de grupos de apoio mútuo. Contudo, a relação com o espaço físico pessoal também é afetada por uma dimensão estética de bem-estar e de sensorialidade com o ambiente em que se vive. De um modo geral, talvez seja a função paisagística a que mais unanimemente aproxima os indivíduos urbanos do contato com as plantas: buscando embelezar suas casas e a cidade, a presença de áreas verdes pode “proporcionar numerosos benefícios, como os estéticos, psicológicos e socioeconômicos, com

⁸ <https://vimeo.com/210540030?fbclid=IwAR1UfCkEwCOEAb-oJmH3KBCsuhqZHDPa-rcGFou9cW4TAyFEpCjGuAEfLv4>

reflexos positivos no bem-estar dos cidadãos e no valor do patrimônio imobiliário” (ALMEIDA, 2006, p. 1). Contudo, embora muitas pessoas recorram a isso por uma questão meramente visual ou de *status*, a capacidade das plantas em transformar a configuração dos lugares vai muito além da fisicalidade aparente; além mesmo de justificativas utilitaristas como "a diminuição da poluição no ar", "controle da temperatura" ou "aumento da umidade". Trazendo a natureza para dentro do concreto, essas áreas verdes são capazes de instaurar uma atmosfera aconchegante e tranquilizadora que melhora a qualidade de vida das pessoas, porque resgata uma memória ancestral do nosso próprio corpo. Sobretudo quando se trata de Hortas Urbanas, pois exploram a integração da maioria dos sentidos do corpo, unindo o embelezamento dos espaços com a funcionalidade comestível das plantas e seu magnetismo aromático e sensorial.

4.2 Relação com o alimento

O segundo ponto a se considerar é a relação das pessoas com os alimentos produzidos por elas próprias. De um modo geral, o que podemos observar é uma melhor educação alimentar por parte da população, pois quando se é responsável por cultivar aquilo que consome, todos os processos e produtos utilizados para ajudar no crescimento das plantas, tudo aquilo que estaria "invisível" nas prateleiras do mercado e possivelmente ignorado pelo consumidor, passa a evidenciar sua presença e seu impacto. Você toma consciência que ao usar agrotóxicos envenena não apenas sua produção, mas o solo que a sustenta e os animais responsáveis por polinizá-la, por exemplo; e, no caso das Hortas Urbanas, não intoxica só a si mesmo, mas toda sua comunidade que te ajuda nesse trabalho e, até mesmo, outras hortas ao redor. Cientes de como sua comida se forma, as pessoas começam a dar importância para a qualidade do seu cultivo, priorizando uma produção orgânica e percebendo seus benefícios tanto para saúde quanto para o ambiente que as cerca. Igualmente, saindo das "bolhas" do mercado e das opções seriadas do agronegócio, é muito comum que o contato e a troca de conhecimento entre as pessoas envolvidas no plantio – geralmente as mais velhas, que preservam a memória local – resgate uma vasta lista de plantas próprias para consumo e que despertam a curiosidade da comunidade. Essa troca de conhecimento é fundamental para criar familiaridade com os alimentos e saborear comidas diferentes das usualmente disponíveis (MORGADO, 2006, p.7).

Na verdade, esse contato com a produção do alimento inicia um revolucionário processo de desmistificação e questionamento, que contesta certas visões estabelecidas. Por exemplo, se há terras locais aptas ao plantio e consumo direto da população da região, de

forma orgânica e sustentável, porque a monocultura extensiva é vista como a única opção viável pela indústria e pela logística urbana, apesar dos imensos gastos com transportes à longas distâncias, apesar da precoce colheita e prolongada conservação de alimentos, apesar do acelerado empobrecimento do solo e intoxicação das águas, apesar da destruição da flora e fauna em larga escala? Do mesmo modo, o contato com as plantas faz reconhecer diretamente o aspecto vivo da Terra e seus ciclos, e nos instiga a reflexões que, por mais óbvias, nos passam despercebidas no fluxo de uma sociedade mecanizada: se há uma época e um ecossistema específico, ou ao menos ideal para cada vegetal, como sempre vemos as mesmas coisas no mercado em diferentes regiões? Não é curioso como, independente da época do ano, sempre temos morangos nos mercados e como o morango é uma fruta encontrada ao redor do mundo todo?⁹ Será que isso não vem com algum custo tanto para o meio ambiente quanto para nossa saúde?

Existem inúmeras vantagens de nos atentarmos para a diversidade de alimentos que existem em cada região e a melhor maneira de valorizá-los, pois assim facilitamos seu cultivo uma vez que a planta é melhor adaptada àquele local e àquele período, e com isso podemos, por exemplo, diminuir o custo do produto final, impactar menos o solo e a biodiversidade local, melhorar o aproveitamento dos minerais e a qualidade nutritiva de cada alimento – até mesmo intensificar o seu sabor. Nas plantações do programa Hortas Cariocas, por exemplo, que recebem visitas de crianças de escolas públicas para aprenderem como cultivar os vegetais, é desenvolvido nos alunos a curiosidade de experimentar as verduras que eles mesmos plantaram, já que “na infância é que o ato alimentar pode ser vastamente explorado, pois é nesta fase que a curiosidade é extremamente aguçada, os preconceitos ainda não foram adquiridos e onde surge a possibilidade de formação de um senso crítico mais amplo” (MORGADO, 2006, p.8). Atualmente existem 15 escolas que possuem hortas onde ocorrem visitas regulares dos estudantes e nas quais são desenvolvidas atividades tanto de educação ambiental como alimentar. Segundo Aline Meira, atual gerente do Hortas Cariocas, a criança ao ver o alimento que ela mesmo plantou se interessa em provar, e cita a beterraba como o vegetal que mais surpreende os alunos na hora da colheita¹⁰.

No caso das Horta Urbanas Privadas, essa relação com a comida e a preocupação com sua procedência se desenvolve de forma muito semelhante, mas com a vantagem prática da horta se localizar dentro das próprias residências. Muitas vezes os canteiros, caixotes ou vasos

⁹ <http://www.comidasaudavelpratodos.com.br/>

¹⁰ <https://vimeo.com/210540030?fbclid=IwAR1UfCkEwCOEAb-oJmH3KBCsuhqZHDParcGFou9cW4TAyFEpCjGuAEfLv4>

ficam instalados perto das cozinhas, em especial os temperos e ervas aromáticas, o que proporciona ao hábito de cozinhar uma experiência de frescor e qualidade superiores. Ao invés de colher todo ou uma grande parte dos vegetais, é possível retirar só aquilo que será necessário àquele momento, evitando-se o desperdício recorrente tanto em casa – quando os alimentos estragam porque não os consumimos a tempo –, mas principalmente nos grandes mercados e hortifrutis, que não conseguem escoar suas grandes produções e diariamente descartam alimentos, sobretudo as verduras, substituindo-os por novos para vender sempre o “mais fresco”. Um dos efeitos dessa prática negligente da indústria alimentícia se reflete na modificação genética das plantas para que durem mais tempo e não apodrecerem no período desde a sua colheita (precoce), ao transporte e enfim ao tempo de exposição nas prateleiras.¹¹ Ao realizar a experiência, por exemplo, de colher um único ramo de um pé de alecrim para temperar um pão enquanto a maior parte da “planta-mãe” se mantém viva, conseguimos ter à disposição uma erva muito mais fresca, muito mais saudável e por muito mais tempo. Nesse cenário, o hábito de desperdício da lógica comercial se torna muito menos naturalizado e, portanto, muito mais condenável, enquanto “soluções” como as alterações genéticas se tornam desnecessárias e igualmente absurdas, dada sua prepotência frente à sabedoria complexa e milenar contida nos processos de adaptação da natureza.

4.3 Relação com a natureza

Por último, podemos ressaltar a relação simbólica do indivíduo (e, conseqüentemente, da comunidade) com a natureza, (re)estabelecida a partir de sua experiência prática, mas também sensorial e subjetiva, com a horta. Nesse movimento de cuidado, cultivo e aprendizado, inevitavelmente formamos um vínculo afetivo com as plantas e uma maior consciência da vida contida nelas e da vida que elas sustentam. O estreitamento da relação cidade e meio ambiente, fazendo a agricultura adentrar o concreto, gera uma compreensão pragmática (e não apenas demagoga) sobre a necessidade imperativa de se pensar a preservação ambiental, porque gera também clareza de que há alternativas e a percepção de que, enfim, a natureza somos nós. Esse é um pensamento que deveria ser urgentemente disseminado e absorvido pela população brasileira, visto que não é de hoje que nos deparamos com problemas como mudanças

¹¹ Esta e outras formas de transgenia – como modificações para desenvolvimento em qualquer tipo de estação, resistência maior a pragas, produção de mais frutos/folhas e com mais rapidez, ou tolerância a quantidades maiores de agrotóxicos – são “melhoramentos” artificiais que vem como resposta às demandas de produtividade e lucro do mercado, às custas, muitas vezes, da estabilidade natural do ecossistema local e da qualidade nutritiva desses alimentos.

climáticas, efeito estufa, derretimento das calotas polares, acidificação dos oceanos, degradação dos solos, escassez de água, perda de biodiversidade, acúmulo de lixo tóxico (inclusive resíduos nucleares), redução das florestas, poluição dos rios e as secas mais longas em várias partes do mundo¹².

Em pleno fim da segunda década do século XXI, com tantos pesquisadores de variadas nacionalidades consentindo a respeito da crise ambiental que estamos passando, uma das maiores ameaças ao ecossistema brasileiro vêm do nosso próprio Estado, refletido na nova gestão do Governo Federal, que já nos primeiros meses após a mudança da presidência em 2019 aprovou o uso de 239 novos agrotóxicos (até junho), dentre os quais 48% são apontados como sendo de alta ou extrema toxicidade, e 25% deles são expressamente proibidos na União Européia¹³. Essa quantidade liberada é a maior já documentada pelo Ministério da Agricultura e supera o total de agrotóxicos liberados em todo ano de 2015, o maior visto até esse momento. A utilização desses venenos não é só uma questão de saúde individual, de "escolha do consumidor"; por mais que fechemos os olhos, essas práticas do atual sistema agroindustrial são uma ameaça à própria biosfera. Só com a entrada desses novos pesticidas no mercado brasileiro já foram contabilizados meio bilhão de abelhas mortas em apiculturas de quatro estados brasileiros até o dia 20 de maio:

As abelhas são as principais polinizadores da maioria dos ecossistemas do planeta. Voando de flor em flor, elas polinizam e promovem a reprodução de diversas espécies de plantas. No Brasil, das 141 espécies de plantas cultivadas para alimentação humana e produção animal, cerca de 60% dependem em certo grau da polinização deste inseto. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 75% dos cultivos destinados à alimentação humana no mundo dependem das abelhas.¹⁴

Ou seja, indispensáveis para a própria formação dos alimentos, esses polinizadores morrem pelo agrotóxico que o sistema de produção usa, o que, ironicamente, prejudica o próprio sistema de produção. Os próprios hábitos do produtor afetam o produtor; ele não tem como fugir dos seus resíduos; além da morte de insetos polinizadores, o próprio agrotóxico se torna lixo tóxico depois de usado. Embrutecida pela ganância, por números em excesso, por hábitos consumistas, por noticiários violentos, e sem a menor consciência de que estamos em constante interdependência com todo o planeta, é de fato improvável que a mentalidade urbana compreenda, a tempo, que não há separação entre o que "jogamos fora" e o que consumi-

¹² <https://www.cartacapital.com.br/blogs/gr-ri/a-crise-ambiental-contemporanea-5192/>

¹³ <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/05/26/ritmo-de-liberacao-de-agrotoxicos-em-2019-e-o-maior-ja-registrado.ghtml>

¹⁴ <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2019/05/apicultores-brasileiros-encontram-meio-bilhao-de-abelhas-mortas-em-tres-meses.html>

mos. O nosso lixo – tanto diretamente o que pomos na lixeira (e levamos para os aterros), quanto indiretamente os resíduos de nossas indústrias minerais, petrolíferas, farmacêuticas, agropecuárias etc – é inseparável do nosso alimento. Portanto, mostra-se imprescindível que a população desenvolva conhecimento e responsabilidade na busca e na luta por alternativas na produção de comida, e nada mais didático do que vivenciar esses processos e estimular a curiosidade de outras pessoas a fazer o mesmo. Talvez assim, aquilo que chamamos de natureza não mais pareça algo distante e destacado de nós; talvez assim, entendamos que sua preservação não só é possível, mas é inevitável, pois de um jeito ou de outro a natureza se transforma e continua sem nós, mas nós não continuamos sem ela.

Justamente nessa busca por um futuro civilizatório integrado com a natureza que surgem as Hortas Urbanas, autênticos instrumentos para um reencantamento do mundo, reinserindo as pessoas no mundo mágico, no “jardim encantado”, através do contato com a Terra no plantio e na colheita, que se demonstra fundamental para uma mudança do olhar sobre o ser humano como uma célula do planeta. Uma visão encantada é uma perspectiva que nos faz sentir conectado ao mundo, gerando um pertencimento que não é pautado por nossa posição dentro de um sistema arbitrário de trocas simbólicas, mas por nossa própria existência dentro de uma realidade maior que está sempre presente e nos é inescapável. Esse olhar encantado, que enxerga vida em todas as direções e valoriza (ao invés de valorar) o diálogo com os processos e organismos do nosso ambiente, nos faz aspirar por uma realidade de harmonia entre a humanidade e a natureza, creditando iniciativas tais quais as Hortas Urbanas como alternativas ao caminho compulsivo da atual sociedade capitalista. Nesse sentido, sem cair no afobamento e na ingenuidade de que essas experiências já são a solução para boicotarmos por completo o danoso mercado do agronegócio, podemos perceber que elas são sim um excelente laboratório de vivências, descobertas e aprendizados tanto de estratégias de produção mais sustentáveis, quanto de ritmos e estilos de vida mais equilibrados e menos opressivos.

Além disso, o sucesso e o crescimento da procura por essas modalidades alternativas estimulam diferentes reações por parte da indústria hegemônica. Inicialmente de forma negativa e depreciativa, causando uma espécie de rivalidade entre os produtos orgânicos e os não orgânicos, cada vez mais conseguimos observar a gradual incorporação de alguns conceitos de sustentabilidade por parte do mercado, como o aumento de opções orgânicas às grandes redes varejistas. Essa, sem dúvida, é uma resposta positiva à resistência e maior aderência a um novo público consumidor preocupado com questões que vão além da sua rotina urbana mais individual e imediata. Atualizando pragmaticamente essa mentalidade ecológica e servindo de ponto de culminância entre os agentes dessa mudança, as Hortas Urbanas aceleram

esse processo de revolução subjetiva do olhar, retirando as pessoas de uma visão utilitarista e exploratória que pensa que todas as coisas que existem – isto é, o mundo/natureza – não tem um valor em si, estão ali simplesmente para serem usadas. Ao contrário, participando do processo criativo da natureza, ou ao menos tendo uma consciência sensível da sua constante presença, nós passamos a nos enxergar como parte de uma realidade mais ampla cuja riqueza não é objetivamente calculada, mas magicamente sentida.

Do ponto de vista secular e científico da sociedade contemporânea, a magia descrita por Weber, e que encantava o olhar do mundo pré-industrial não faz sentido, a não ser que seja “traduzida” para nossa temporalidade. Aqui, ela é bem menos algo de sentido sobrenatural, como feitiços e bruxaria ou crenças em deusas e deuses que ajudavam nas colheitas, e bem mais algo na direção do sonho, da aspiração de ver um mundo mais harmonioso e mais contemplativo, capaz de enriquecer o significado das nossas vidas. E, através desse desejo, gerar um movimento de não mais ver a natureza de forma materialista, unicamente como reservatório de matéria-prima, mas sim interagindo com ela numa relação recíproca de troca e contato. Nesse contexto, o olhar desencantado lentamente elimina essa paisagem afetiva porque sobrepõe ao campo subjetivo dos encontros uma superficialidade grosseira de ideologias e de explicações impessoais de “como o mundo é” e de “como ele deve ser”, impedindo que a espontaneidade floresça. O olhar reencantado, por sua vez, é integrativo, aproximando aquele que vê daquilo que é visto, criando uma maior intimidade nos afetos e nos encontros, porque retira a mediação de parâmetros automáticos e possibilita a formação de relações em redes autônomas, sendo impossível delimitar todas as experiências dentro de uma mesma narrativa.

Considerando que esse reencantamento vai na contramão de um pensamento antropocêntrico e industrialista do mundo e que, portanto, depende de uma comunhão com o meio ambiente que nos abraça, as Hortas Urbanas surgem como essa ponte entre a mente urbana e a mente ecológica. Elas partem de questões mais práticas como sua influência no cotidiano das pessoas, seu impacto no funcionamento da cidade e seus benefícios na educação alimentar e ambiental, e acabam por afetar como cada indivíduo lida intimamente com seus valores e sua vida, mudando assim sua forma de agir e estar no mundo. Simplesmente estarmos intelectualmente informados, cientes de que alimentos livres de defensivos químicos são melhores para nossa saúde, não é suficiente: para que uma pessoa abra mão de comprar no supermercado que é mais perto de casa e mais barato por exemplo, é necessário, mais do que o conhecimento de benefícios específicos, uma motivação que inclui seu estilo de vida como um todo. Por isso, mesmo quando o máximo que conseguem fazer no momento é, por exemplo, um vaso de cebolinha na janela, essas pessoas não deixam de estar incluídas nesse processo de reencan-

tamento, principalmente se agem com um “brilho no olhar” que se interessa pela transformação de sua realidade, pois, como vimos, mudar o funcionamento dos sistemas humanos depende menos das condições técnicas envolvidas e mais de um engajamento sociocultural que legitima outra versão de mundo como necessária e possível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do conceito de "desencantamento do mundo", de Max Weber, pudemos concluir o porquê de a sociedade contemporânea apresentar um distanciamento do contato com a natureza e seus ciclos, e como isso se manifesta em um ritmo de vida constantemente atarefado e compulsivo. Antes da solidificação do capitalismo e da revolução industrial, antes mesmo da consolidação do cristianismo no ocidente, era comum a população camponesa ter uma ligação mágica com a natureza. Isto é, por acreditar que os ciclos naturais eram influenciados por seres míticos e energias animadas, esses camponeses viviam em um mundo encantado com o qual mantinham uma relação ritualística de barganha e devoção, fazendo do seu meio ambiente local o portal de contato com deusas e deuses, espíritos benfeitores e vingativos para quem rogavam por proteção e auxílio em sua principal forma de subsistência: a agricultura. Através da "desmagificação" do mundo pela religião e pela ciência – a primeira com o monoteísmo e a repressão de todas as crenças divergentes, e a segunda com a racionalização do universo, privilegiando a aparência objetiva dos fenômenos e descreditando concepções místicas – a sociedade ocidental contemporânea caminhou para um embrutecimento de sua realidade, que não mais vibra repleta de vida e potenciais dormentes, mas se apresenta estática e inanimada, como se estivesse ali apenas para ser manipulada.

Diante desse cenário, o capitalismo se expande como o sistema econômico dominante e acaba por fortalecer esse estreitamento do mundo, pois gradativamente delimita o significado central da vida (em sociedade) como sendo a aspiração por acúmulo de capital e conquista de bens materiais. Essa perspectiva produtivista e utilitarista se soma a visão inanimada da realidade e resulta em uma mecanização da relação do humano com a natureza, que passa a ser mero depósito de "matérias-primas" e não mais um repositório de conhecimentos e memória ancestrais. Atualmente, com o crescente avanço tecnológico e automatização do trabalho, podemos observar essa relação industrial com o meio ambiente, sobretudo, no sistema do agronegócio, cujo foco não é mais a subsistência da população, mas a lucratividade e celeridade da produção. Esse descaso fica evidente quando analisamos o absurdo desperdício de recursos hídricos, o uso inconsequente de aditivos químicos que inviabilizam o solo, o desmatamento extensivo de áreas nativas para plantação de monoculturas, até mesmo o descarte/queima de alimentos saudáveis por questões meramente econômicas. Do ponto de vista da indústria, os recursos naturais não são algo a ser preservado, mas sim explorado; o vegetal não é tanto um alimento, mas sim uma mercadoria; o trabalhador não é tanto uma pessoa, mas mão-de-obra temporária e substituível.

Contudo, apesar dos processos hegemônicos de urbanização ainda privilegiarem essa abordagem insaciável, algumas iniciativas vêm surgindo como reação a esse caminho autodestrutivo e intoxicante do agronegócio. Focando em nossa cidade, o Rio de Janeiro, é possível constatar o crescimento de grupos autônomos e espontâneos que começam a plantar sua própria comida e remédios naturais por meio de Hortas Urbanas, que, conforme propomos, podem ser divididas em: 1) hortas comunitárias incentivadas pelo governo, nas quais os hortelões e o administrador do espaço recebem uma bolsa do Estado – visando sua futura emancipação e não impedindo a colaboração voluntária da comunidade; 2) hortas comunitárias provenientes de ocupações coletivas, ou seja, iniciativas independentes de grupos de pessoas, geralmente moradores próximos, que unem a vontade de ocupar áreas públicas subaproveitadas (como praças e terrenos baldios), com o cultivo de alimentos para consumo da população local; 3) hortas privadas, em propriedades individuais ou familiares, que se formam a partir do desejo dessas pessoas em ter a constante disponibilidade de alimentos frescos, mesmo quando em pequena escala. Por meio desse contato com a terra, as pessoas exploram possibilidades não só em relação à saúde, no cultivo orgânico de alimentos, como também fazem desses espaços de plantio um laboratório terapêutico e revolucionário para a construção de uma nova visão de mundo.

A partir desse cenário alternativo e experiencial, desdobram-se algumas relações tanto pragmáticas quanto afetivas, dentre as quais podemos identificar uma mudança na relação com o espaço físico, antes cinza e depois verde; com o próprio alimento, antes um simples produto e depois um fruto da Terra; e, por fim, com a natureza, antes separada de nós e depois presente em todas as direções. Em primeiro lugar, no âmbito das hortas comunitárias, a construção da plantação e a reconfiguração do espaço como um local partilhado de produção de alimentos cria um lugar (físico e subjetivo) de identificação, gerando tanto uma sensação de pertencimento quanto de representatividade; dialogando com outros moradores e vendendo/distribuindo produtos, os habitantes, sobretudo de áreas excluídas e vulneráveis socialmente, passam a se integrar melhor à comunidade e a legitimar sua inclusão frente à própria cidade. Nas hortas privadas, por sua vez, há também uma maior intercomunicação com a cidade – palco de encontros entre hortelões independentes, que também criam redes públicas virtuais de exposição e diálogo –, mas sobretudo uma transformação do próprio lar dessas pessoas, que tanto os hábitos culinários quanto a sensorialidade do espaço, se torna dominada por uma atmosfera de frescor, encanto e aconchego. Em segundo lugar, ao presenciar o desenvolvimento dos alimentos, compreendendo como e o que é necessário para cultivar os vegetais, a maior parte das pessoas entende a importância de um cultivo sem agrotóxicos – que ao mes-

mo tempo que eliminam pragas, eliminam também insetos polinizadores, poluem o ambiente e envenenam nosso alimento – e a não necessidade de estimulantes químicos, uma vez que, respeitando a saúde do solo e a particularidade de cada planta, é possível ter uma safra próspera; inclusive, mais nutritiva e mais heterogênea, capaz de diversificar nosso cardápio enquanto garante a sustentabilidade e a biodiversidade nativa. Em terceiro lugar, por fim, essa proximidade com os ciclos naturais e a preocupação em preservá-los cria uma relação de maior intimidade com a natureza e sua temporalidade, que subverte por completo o ritmo arbitrariamente imposto pelo sistema urbano e o substitui por uma realidade contemplativa na qual cada coisa tem seu tempo de maturação, mas onde nada está excluído ou fora do lugar. A consciência da natureza como a base para a existência da vida nos faz compreender que jamais estamos alheios dela, mesmo que ignoremos isso.

No processo de desdobramento de todas essas relações, constatamos a existência de inúmeros fluxos culturais envolvidos na dinâmica desses espaços, que incluem desde visitas de escolas às hortas, oficinas teóricas e práticas sobre diversos temas relacionados com plantio, festas e eventos sediados nesses espaços verdes, até o encontro entre diferentes classes sociais, gerações e histórias pessoais no cotidiano do cultivo; além, é claro, do choque cultural entre a mentalidade industrialista da *pólis* com essa mentalidade mais agroecológica expressa pelas Hortas Urbanas. Numa dimensão mais subjetiva, essas trocas estimulam o resgate de antigas raízes e tradições ancestrais intimamente ligadas com a Terra, seus ciclos e sua vitalidade. Essas Hortas Urbanas, para além das inúmeras funcionalidades pragmáticas, reinserem as pessoas em uma realidade mais equilibrada e entusiasmada, se configurando como instrumentos para um reencantamento do mundo, isto é, um "olhar mágico" para a vida que gera espontaneamente energia, nos preenche de significado e sensação de pertencimento, e nos impulsiona a continuar seguindo nesse caminho de integração com o planeta: nós somos a natureza defendendo a si mesma. Dito isso, a atitude de plantar sua própria comida ou seu próprio remédio pode ser reconhecida como um ato político revolucionário e emancipatório, pois gradativamente retira as pessoas da dependência dos mercados e sua logística artificial, criativamente explorando alternativas não só de cultivo, mas de mundos onde queremos viver. Informações e recursos – financeiros, tecnológicos, humanos, naturais – nossa sociedade já têm; o que nos falta é fortalecer nossa motivação através desse reencantamento do olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFIUNE, Pepita de Souza. Resenha da obra O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. *Revista de História da UEG*, Porangatu, v. 6, n. 1, p. 264-268, jan./jul. 2017.

ALMEIDA, Ana Luísa. *O valor das árvores e floresta urbana de Lisboa*. 2006. Tese (Doutorado em Agronomia) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. 2006.

ARRUDA, Juliana. *Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP: análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

HORTAS URBANAS. Pedro Murad. 2017. Disponível em:

<<https://vimeo.com/210540030?fbclid=IwAR1UfCkEwCOEAb-oJmH3KBCsuhqZHDParcGFou9cW4TAyFEpCjGuAEfLv4>> Acesso em: 21 de março de 2019.

MORGADO, Fernanda da Silva. *A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do Projeto Horta Viva nas escolas municipais de Florianópolis*. 2006. Monografia (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

O'REILLY, Érika de Mattos. *Agricultura urbana: um estudo de caso do projeto Hortas Cariocas em Manguinhos, Rio de Janeiro*. 2014. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PETERSEN, Paulo. F.; WEID, Jean. M; FERNANDES, Gabriel. B. Agroecologia: reconciliando agricultura e natureza. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v. 30, n. 252, p. 1-9, set./out. 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. 3ª ed. São Paulo: USP / Editora 34, 2013.

SAMTEN, Lama Padma. Lucidez em Meio às Aparências #5: retiro com Lama Samten. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TGwTN6vLvuo&feature=youtu.be>> Acesso em: 30 de junho de 2019.



AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 22/07/2019

Eu, **JÚLIO CÉSAR DA COSTA VIEIRA**, CPF 125.546.997-80, formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada **“REENCANTAMENTO DO MUNDO: A REAPROXIMAÇÃO DO MEIO URBANO COM A NATUREZA TRAVÉS DAS HORTAS URBANAS DO RIO DE JANEIRO.”** defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em extensão PDF.


JÚLIO CÉSAR DA COSTA VIEIRA